

Helene Kühr, só Deus e eu sabemos

Marcelo e Stefani Frölich

Neste 13 de dezembro, lembramos os 47 anos da morte de Helene Kühr, esposa de Dr. Fritz Kühr. Ela nasceu no dia 7 de fevereiro de 1891, na cidade de Attendorn, Alemanha. Cresceu em meio a uma família de boas condições econômicas e influente na cidade. Sendo assim, teve condições para estudar, algo que não era comum para as meninas dessa época, que normalmente, aos 13 anos, já ajudavam no sustento da família.

No dia 30 de agosto de 1912, Helene se candidata para o magistério superior e se muda para Werl. Entre os anos de 1915 e 1916, Helene foi uma das 270 mulheres matriculadas na Universidade de Münster. Este aspecto marca o desenvolvimento de Helene, pois estudar em outras cidades certamente ampliou o seu horizonte e sua autonomia, características muito necessárias para sua vida posterior, o que vamos compreender mais tarde em sua vinda para o Brasil.

Não há registro sobre o dia que Helene e Fritz se encontraram, nem mesmo sobre o modo como se conheceram, mas acredita-se que foi em Attendorn. O fato é que Fritz foi acolhido pela família de Helene, pois já antes do casamento ele aparece numa foto de família. Em outubro de 1920, acontece o noivado e eles se casam em 8 de novembro de 1922, data que recentemente recordamos e que, em 2022 celebraremos como família internacional de Schoenstatt por ocasião do centenário de seu matrimônio.

Entre os anos de 1923 e 1938, Helene e Fritz Kühr moraram em Berlim, em diferentes países da África e na Áustria. Neste período, Helene acompanhava seu marido em função de seu trabalho. Esta realidade é interrompida pelo período da 2ª guerra mundial, período que gera muita incerteza e insegurança. Com esta nova realidade, considerando que várias famílias alemãs já haviam adquirido terras no Brasil, inclusive a Família Kühr, em janeiro de 1938 Helene viaja para o Brasil, para conhecer as terras adquiridas em Rolândia. No Brasil, Helene recebe a notícia de que seu marido fora preso na Áustria e, posteriormente, enviado ao campo de concentração de Dachau.

A partir desta nova realidade, as características que marcaram a vida de Helene são colocadas à prova, pois no começo não foi fácil. A natureza tropical, tão diferente da realidade até então conhecida, mostrou-se grandiosa, todavia caótica e perigosa. Conforme lemos na obra *Como uma pluma ao vento*, “na mata reina a lei dos mais fortes, não somente no mundo das plantas e dos animais. Também a pessoa é mais rude, impulsiva e mais bárbara”. Nesse cenário, Helene precisa, mesmo sem a presença física de seu esposo, demonstrar diariamente a força de uma mulher fiel, determinada, corajosa, autoconfiante, amorosa, maternal e sensível ao contexto, o que reflete em seus poemas, escritos durante este período de “exílio”, ao liderar o árduo trabalho de estruturar uma fazenda.

Mesmo distante, separada de seu marido pelo oceano, sem saber exatamente onde estaria e em que condições, mesmo temendo por sua vida, seus poemas demonstram seu grau de fidelidade e amor incondicionais, pois sempre destacou a saudade amorosa e o ardente desejo do reencontro. No poema *Mágoas do coração*, Helene assim escreve: *Quando à noite eu vou dormir/silente e cansada me ponho à janela,/eu penso em ti./Eu contemplo tua face novamente,/ouço as lindas canções que cantavas para mim...*

Não é de admirar que, em virtude dos contrastes desta realidade, mesmo a pessoa formada e marcada pela civilização ocidental vê seu equilíbrio espiritual ameaçado. A Helena era uma senhora muito culta, pouco habituada aos afazeres domésticos. Ela veio para cá sozinha, a fazenda era a “mata” e as condições eram precárias, veio de um mundo civilizado para um mundo primitivo. Mesmo assim, determinada, em um ambiente desconhecido e assumindo tarefas que não eram comumente desempenhadas pelas mulheres, ela não deixou de liderar os afazeres diários de quem é responsável pela administração de uma fazenda. Neste aspecto destaca-se a autoconfiança de uma mulher responsável pelo cultivo do café e pela participação em reuniões predominantemente masculinas, posicionando-se e participando ativamente.

Ela estava aqui, sem o marido, sem saber falar o idioma, com poucos préstimos domésticos, em situações primitivas e olhada com reservas, porque os alemães nessa época eram malvistas e vigiados em virtude da guerra. Houve momentos em que ela quase sucumbiu ao sofrimento e desânimo. Mesmo assim, foi sensível e amorosa, ao mesmo tempo. Sensível ao acolher uma mulher que sofria constantes agressões de seu marido, inclusive defendendo-a desse marido que a obrigava a cometer aborto. Portanto, defendeu a vida em todas as suas dimensões. Essa característica sensível, amorosa e maternal também se destaca no momento em que lemos que Helene acolheu uma criança abandonada, assumindo a tarefa de criá-la e educá-la. Atitude parecida teve com as crianças das famílias brasileiras que trabalhavam na fazenda, as quais ensinou o idioma alemão. Sua formação para a docência é ressignificada neste momento tão decisivo de sua vida.

O outro lado da Helene, foi uma acentuada delicadeza, de grande sensibilidade. Essa sensibilidade teve um caráter muito concreto, reconhecendo os sinais da vida cotidiana como oportunidade para assumir uma tarefa dela e de seu marido, ou seja, melhorar as condições e situações dos trabalhadores empregados, pois tratava-os com respeito e dignidade. Ao mesmo tempo, essa sensibilidade se traduz em poemas que evocam a subjetividade, à medida que dialogava com Fritz Kühn através de versos saudosos, amorosos, preocupados, mas, acima de tudo, vinculado à Deus. Em um de seus poemas, escreve que sua vida está despedaçada, pois encontra-se distante de seu amor, reconhece que sem ele não consegue mais sentir alegria. Termina afirmando que *o que carrega e que suporta só ela e Deus o sabem*.

Portanto, a história de Helene retrata a vida de quem amou independência e vinculação harmoniosa com sua fé. Novamente, como lemos na obra *Como uma pluma ao vento*, o que mais chama a atenção em seus poemas é o restabelecimento constante e bem orgânico da união com aquilo que a movia e que vivenciou em relação a Deus e ao sobrenatural. Lembrando sua vida e revisitando sua trajetória, lembrando a passagem de sua morte, somos convidados a nos inspirarmos em Helene, que depois de tudo o que passou, reencontra seu amor Fritz Kühn em outubro de 1947, quando ele veio morar em Rolândia.